



HUSTON, Nancy. *Danse noire*

Arles: Actes Sud, 2013, 347 p.

Núbia Hanciau¹

Sim, sim, Milo, sei bem. Os mortos são tão reais como nós, as personagens. Dar-lhes vida é nosso trabalho, a razão pela qual estamos em vida (para aqueles que estão, dentre nós). (HUSTON, *Dn*, p. 53).

Submetido e aprovado em

7 de dezembro de 2016.

Em *Danse noire*, a escritora franco-canadense Nancy Huston retrança três destinos distintos, três histórias densas. A narrativa em vários níveis tem a hereditariedade em primeiro plano, e leva o leitor a explorar os passos de

várias gerações para compreender – quase sempre de trás para frente – a influência de nossos ancestrais sobre nossa vida; mais do que isso, as raízes profundas da identidade canadense e da própria identidade, reafirmando que “a memória e a transmissão são fabricantes de vínculo, entre os indivíduos, entre as gerações, entre os diferentes tempos históricos que animam a produção de uma sociedade”².

A primeira história, a do roteirista quebequense Milo Noirlac, é contemporânea da autora (1952-2010). Milo, personagem principal, está morrendo lentamente de AIDS em um leito de hospital de Montreal. Ao seu lado, seu amante, o também roteirista nova-iorquino Paul Schwarz, narra o cenário possível de sua vida, suas origens, fio condutor do filme, certamente o último projeto de ambos, produzido pela Blackout Filmes.

Entrelaçada pelo sangue através do tempo, a segunda trama se desenrola em um bordel de Montreal nos anos 1950. É a história da jovem e sedutora prostituta índia, Awinita, cabelos pintados de loiro, mãe de Milo, namorada de Declan. Ela veio da aldeia Waswanipi situada nas terras virgens no norte do Canadá. Nita, como é chamada, abandona o filho em seu nascimento,

levando-o a passar por várias famílias até encontrar seu avô. Por curiosidade e para suportar uma vida infernal, ela se droga nos banheiros sujos antes de subir a escada que conduz aos quartos sórdidos, o olhar baixo, voltado para o ventre arredondado onde Milo está em gestação. É ela – que conhece apenas a língua oral Cree de sua tribo, timbre secreto de sua voz – quem conduz o leitor aos autóctones, sombra que carrega o continente americano há mais de cinco séculos. Milo não tem praticamente nenhuma lembrança da mãe, mas guarda a herança crucial transmitida: os ritmos, a cólera, o vínculo à terra, e a força vital desses povos esmagados que ele reconhecerá mais tarde na capoeira brasileira, transformada em paixão.

Através do terceiro destino adentramos no meio intelectual, político e literário da Irlanda no início do século XX. Trata-se agora de Neil Noirlac, nascido Kerrigan, o avô irlandês de Milo. Advogado na juventude, apaixonado pela poesia, por William Butler Yeats e James Joyce (“os maiores escritores da Irlanda eram [s]eus amigos” (*Dn*, p. 142), a trajetória de Neil recupera a Revolta da Páscoa ocorrida na Irlanda durante a Semana Santa de 1916, tentativa dos militantes republicanos para

ganhar a independência em relação ao Reino Unido e mais importante revolta na Irlanda desde a rebelião de 1798. Nela implicado, Neil foi obrigado a emigrar para o Canadá, mais precisamente para o Quebec. Cinquenta anos depois de ter deixado o país natal, a guerra civil ainda o assombra, assim como o assombra as lembranças de seus amigos e próximos de outrora, sua família, os inspiradores Joyce ou Yeats, cuja celebridade também desejara para si. O exílio fez com que perdesse não só sua terra, mas a língua, as ambições literárias e o sonho de ser escritor famoso.

A vida de Milo, protagonista do “filme”, filho de Declan (filho de Neil) se desenrola em quatro lugares distintos: Canadá, Alemanha, Brasil, Estados Unidos; deles Nancy Huston tenta apreender a essência e transmitir ao leitor as particularidades, o que consegue fazer com impressionante domínio, mesmo que se tenha por vezes a impressão de excesso em relação a alguns elementos empregados nessa experiência narrativa. É como se fosse de fato um cenário sem sê-lo completamente, o que embaralha de certa forma a ação. Apesar da originalidade da experiência, é difícil não fugir da linearidade do texto ao seguir as traduções

das passagens do que se pode considerar um quebra-cabeça linguístico.

Em um grande movimento musical para cantar as origens – no início apagadas, mas recompostas aos poucos – o documentário que Paul e Milo imaginam produzir segue as linhas das três vidas, atravessa guerras e exílios, invasões e resistências, mergulha o leitor na tensão entre o Velho e o Novo Mundo, e aponta para a necessidade da transmissão e para o sonho do recomeço. À pergunta: como podem os dois homens, a partir de um leito de hospital, construir as cenas, montar os diálogos e conduzir os espectadores a identificarem-se às personagens? As respostas vão sendo encontradas ao assistirmos em direto (e em abismo) aos bastidores da imaginação e da criação. Uma história de amor e renúncia toma forma no imaginário, não apenas literariamente por escrito, mas pelo procedimento narrativo que prospecta a montagem do cenário com indicações de foco e posição da câmera. Vaga-se dos olhos de Awinita – tomada por homens brutais, ouvindo os mesmos ruídos repetidos do abre-fecha das braguilhas, das cintas, da urina, dos rosnados – com ela compartilhando as imagens criadas por seu espírito para fugir.

Sabe-se que o caminho da

transmissão é dos mais tortuosos. Nele, a figura estranha, mas cativante e terna da jovem índia, futura mãe de Milo, emerge, em versão original (em inglês). As passagens essencialmente a ela relacionadas foram conservadas em inglês (os não anglófonos precisam recorrer sistematicamente à leitura das notas de rodapé), provável opção de Nancy Huston para marcar ainda mais a diferença cultural da personagem. Como traduzir o inimitável acento de Awinita? A escolha da autora remete às teses diferencialistas que expôs ao jornal *Le Monde* (“Sexe, race, deux réalités”, em 17.05.2013), revelando um universo caleidoscópico que abarca a saga dessa família marcada pela interculturalidade.

Com Milo, Neil, Awinita, viajamos do início do século XX aos nossos dias, avançamos da Irlanda ao Canadá, das prestigiosas noites de Nova York até Salvador, passamos pelo hospital católico quebequense onde Milo foi depositado quando nasceu, entramos no quarto sórdido de Awinita. Ao fundo, incessante, o ritmo lancinante da capoeira brasileira, cujas pulsações marcam os dez capítulos da história que se constrói de 1910 a 2010, cada capítulo antecipado por um termo da dança/luta, com sua respectiva

definição, encontrada em *Capoeira l'art de lutter en dansant*, de Cécile Bennegent (2006) e no *Petit manuel de capoeira*, de Nestor Capoeira (2003). Ladainha, ginga, moleque, malícia, terreiro, floreio, malandro, saudade, negaça, bicho falso, termos que a escritora levou da viagem ao Brasil (abril de 2006), onde veio para ver e compreender melhor a capoeira, imaginá-la do interior e do ponto de vista do protagonista Milo. Aproximam-se essa dança e o ritmo dos ameríndios, pouco conhecido dos brancos, o mesmo ritmo das batidas do coração de Awinita. A *Danse noire* (dança negra) do título, fio condutor do romance, na origem, título de um quadro de Guy d'Orbesson, carrega entre outros sentidos o da capoeira brasileira, e também o de um lugar imaginário, onde Milo se refugiava, lembrando: assim como ele, muitos jovens de sua geração (a mesma da escritora Nancy Huston) foram encerrados em armários ou sofreram graves sevícias.

Os “ta, ta-da da, ta, ta-da da” do tambor, ritmo que Milo e Paul ouvem toda noite em Arraial d’Ajuda, Milo reconhece desde sua primeira viagem a Salvador. Eles são a chamada do coração, das raízes, da voz de sua mãe. Intensificam-se, irrigam e fazem vibrar o conjunto do livro. Essa

mesma “Capoeira” cantou Bernard Lavilliers no Teatro Champs Elysées, em Paris: *Laisse-toi aller sur ce tempo-là / La vie et la mort c'est Capoeira / C'est un chant du Nord un sport de combat / Qui se danse encore, Capoeira / Une main ouverte et un poing fermé / L'une pour connaître l'autre pour cogner / C'est avec ta peau qu'on s'en sortira / Laisse-toi aller, Capoeira / Capoeira, Capoeira...* É também ela que está nas palavras de Awinita ao abandoná-lo em 1951.

Será preciso resistir, meu pequeno. Seja forte, musculoso, não me esqueça. – Não tenha medo de nada, meu filho. Tens o direito de caminhar sobre esta Terra, como os animais. Confia nos animais, eles nunca te trairão; mas desconfia dos humanos. Não te preocupes a respeito de Deus ou do diabo ou do que acontece depois da morte. Paraíso e Inferno são feitos pelos homens, só são encontrados sobre a Terra. O que deve acontecer acontece. Respeita a natureza. Respeita teu corpo, ele faz parte da natureza. Respeita o solo sobre o qual caminhas. O sagrado não está nem acima nem abaixo de ti, ele está dentro de ti e em toda a parte à volta. Fazes parte dele, meu filho. Rezar é perda de tempo. Bem ou mal, cada coisa que fazes é uma prece, então não deixa ninguém te obrigar a rezar... Quando te disserem para rezar... sonha, meu pequeno. Sonha. (p. 152-3).

O sentido da vida dura de Milo e seu destino se revelam no desenvolvimento da narrativa: depositado no hospital, acolhido de família em família, submetido ao acaso, à bondade de uns, à crueldade e indiferença de outros antes de, enfim, chegar ao teto do avô Neil, um lunático, inconsequente, mas que vai amá-lo à sua moda e iniciá-lo na vida, para desespero de tia Marie-Thérèse, escandalizada pelos princípios de educação que Neil lega ao menino:

“Arrête de blasphémer papa... Pis arrête d’apprendre à Milo à blasphémer, faut donner l’exemple! J’veux pas qu’tu lui bourres le crâne avec tes athées d’écrivains. Tu l’as fait avec mes frères, résultat c’est tous des incapab’, des pelleteux d’nuages. M’entends-tu Milo ? C’est pas un métier, la littérature, c’est des bulles. Rien qu’des bulles³¹”

Na escola Milo aprendeu sobre os britânicos e franceses e seus orgulhosos descendentes, capitalistas heroicos na América do Norte. Em contrapartida, a respeito dos habitantes originais do Canadá, miudezas folclóricas, apenas.

Ora, quanto mais encontrava índios, mais irritado ficava. Parecia-lhe que em toda a História humana nenhum povo aceitou tão bem sua derrota; além de espoliarem suas terras e aniquilarem seu modo de vida, os índios presenciaram hordas de machos

– brancos, feios, agressivos, barbudos, fedidos, gananciosos, em abstinência sexual aguda – após terem atravessado o oceano sem mulher, apropriarem-se das suas, mais jovens e mais bonitas. Assim, no espaço de poucas décadas, eis que há uma enorme população mestiça. Derrotados há três séculos, os índios se fecharam num ressentimento tão alcoolizado quanto mudo.

Danse noire mais uma vez a qualidade particular do procedimento narrativo anteriormente encontrado em *Instruments de ténèbres e Lignes de faille*, em que ela abriu de certa forma o laboratório da escritora incluindo o leitor no processo da escrita, não se contentando com uma narrativa simples, linear. Ao enfocar o exílio, a transmissão e a frágil possibilidade de redenção sob a forma de esboço de cenário de um filme, Huston cria um espaço de maior liberdade, onde ela tudo se permite, inclusive cortar passagens para mais tarde corrigir.

Considerando que se trata de um cenário, a sonoridade das línguas é elemento importante e chama a atenção. A tradução dos diálogos do inglês para o *joual* – pois é nesta língua crua, verdadeira, que as personagens se exprimiriam se falassem francês – mesmo que tenha irritado alguns

franceses, ao ser adotada por uma escritora que não é nem Marie Laberge nem Michel Tremblay, que vive em Paris, e cuja obra conhece brilho internacional, é no mínimo surpreendente. Para Nancy Huston, muitos apreenderam o *joual*, é preciso que não apenas os nativos o conheçam e utilizem. Este reconhecimento é a homenagem que quis prestar ao que considera “música interior”. Por outro lado, assim procedendo aponta para o fenômeno do “mono-e-meio-linguismo”, para as pessoas que falam bem uma língua e mal uma segunda, que se sentem mal ao viver em outro país, situação de milhões de deslocados, exilados ou refugiados no mundo com dificuldade de compreender a língua que os cerca. Mesmo assim espera-se da literatura que seja nacional, que todos a compreendam. Isto na verdade nem sempre acontece como no cinema e no teatro que se servem das legendas. Aqueles que leram os outros livros de Huston reconhecerão suas obsessões linguísticas, seu apreço pelos perdedores e fracassados. Suas personagens são uma espécie de produto único, que contém um pouco de um, outro de outro. É o processo da feiticeira que combina os elementos baseada em seu próprio manual e a ele recorre como se

recorre a um motor de humor e fonte de angústia.

Notas

- ¹ Professora aposentada da FURG, Rio Grande, RS. nubiajh@gmail.com.
- ² MUXEL, Anne, Temps, mémoire, transmission. In: RODET, Chantal. *La transmission dans la famille: secrets, fictions et idéaux*. Paris: L'Harmattan, 2003, p. 147.
- ³ Chega de blasfemar, papai... Chega de ensinar Milo a blasfemar, é preciso dar o exemplo! Não quero que enchas sua cabeça com teus escritores ateus. Foi isso que fizeste com meus irmãos, resultado: são todos uns incapazes, uns sonhadores. Estás me ouvindo, Milo? A literatura não é uma profissão, são bolhas, só bolhas!